

A PSICANÁLISE E AS REVOLUÇÕES CIENTÍFICAS: UMA LEITURA DO MÉTODO PSICANALÍTICO ATRAVÉS DE THOMAS KUHN¹

Giovani Barcellos Sousa de Almeida²
Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente³

RESUMO

Um dos livros que estruturam este artigo talvez seja o trabalho mais discutido de Thomas Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Nesse ensaio histórico e filosófico, Kuhn (2017) trata de assuntos relativos à história do desenvolvimento das ciências. No decorrer de seu trabalho, ele apresenta a visão de que práticas consideradas científicas podem, outrora não mais ter tais considerações; e, também, aquelas que não são consideradas como práticas científicas, podem vir a se tornar. Este artigo tem a finalidade de situar a Psicanálise dentro da teoria de Thomas Kuhn sobre as revoluções científicas. Para isso, nos valem principalmente das ideias dos seguintes autores: Sigmund Freud, Thomas Kuhn, Carlos Alberto Plastino e Boaventura de Sousa Santos. Foi possível fazer considerações sobre a teoria das revoluções científicas, proposta por Kuhn; sobre as características principais do paradigma moderno; sobre a metodologia psicanalítica aplicada por Freud durante seus estudos e práticas da Psicanálise; sobre o lugar que a Psicanálise não ocupa; bem como, sobre um possível lugar da Psicanálise, dentro da teoria das revoluções científicas. Consideramos que a Psicanálise tem um certo tipo de incompatibilidade com o paradigma moderno, caracterizando uma incomensurabilidade metodológica, também propusemos que ela se situa como uma ciência extraordinária.

Palavras-chave: Sigmund Freud. Thomas Kuhn. Revolução Científica. Paradigma Científico. Paradigma Moderno.

PSYCHOANALYSIS AND SCIENTIFIC REVOLUTIONS: A READING OF THE PSYCHOANALYTIC METHOD THROUGH THOMAS KUHN

ABSTRACT

One of the books that give structure to this article may be Thomas Kuhn's most discussed work, *The Structure of Scientific Revolutions*. In this historical and philosophical essay, Kuhn (2017) deals with issues related to the history of the development of the sciences. In the course of his work he presents the view that practices deemed as scientific may no longer be seen as such. Also, those which

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF) na Linha de Pesquisa História da Psicologia e seus aspectos filosóficos. Recebido em 07/10/19 e aprovado, após reformulações, em 18/11/2019

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de (CESJF). E-mail: giovanibarcelloss@hotmail.com

³ Mestre em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de (CESJF) e docente do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF). E-mail: rcacastelo@bol.com.br

are not considered as scientific practices may become seen as scientific. This article aims to situate psychoanalysis within Thomas Kuhn's theory of scientific revolutions. In order to do this, this work relies mainly on the ideas of the following authors: Sigmund Freud, Thomas Kuhn, Carlos Alberto Plastino and Boaventura de Sousa Santos. It was possible to make considerations on the theory of scientific revolutions proposed by Kuhn, on the main features of the modern paradigm, about the psychoanalytical methodology applied by Freud in his studies and practices of psychoanalysis, about the place that psychoanalysis does not occupy, as well as about a possible place of psychoanalysis within the theory of scientific revolutions. Considering that psychoanalysis has a certain kind of incompatibility with the modern paradigm, characterizing a methodological incommensurability, it is also proposed here that it is situated as an extraordinary science.

Key-words: Sigmund Freud. Thomas Kuhn. Scientific Revolution. Scientific Paradigm. Modern Paradigm.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Thomas Kuhn (2017), os paradigmas científicos mudam com o passar do tempo. Isso ocorre devido ao fato de certos paradigmas deixarem de funcionar adequadamente na exploração de determinados aspectos da natureza, o que, conseqüentemente, pode desencadear uma crise e, posteriormente dar início a um processo revolucionário científico. Pensa-se que a Psicanálise vale-se de um paradigma diferente do paradigma moderno, pois o paradigma moderno é derivado do mecanicismo newtoniano e do racionalismo cartesiano. Isso se deve às peculiaridades do objeto de estudo psicanalítico (o inconsciente), para o qual foi desenvolvido um método singular de apreensão. Tendo isso em vista, algumas questões se apresentam para o presente estudo, são elas: Pela ótica de Thomas Kuhn, a Psicanálise pode ser considerada uma ciência normal ou, então, uma ciência extraordinária? Ela fez ou faz parte de um processo de revolução científica? E com o objetivo de responder a essas perguntas, que consideramos pertinentes para dar início a estudos mais aprofundados sobre as bases filosóficas e históricas da Psicanálise, vamos nos valer, principalmente dos seguintes autores em nossa revisão narrativa: Sigmund Freud (para falar sobre a parte metodológica da psicanálise), Thomas S. Kuhn (para explicar a teoria das revoluções científicas), Carlos Alberto Plastino e Boaventura de Sousa Santos (para caracterizar o paradigma moderno). No decorrer da leitura deste artigo, pode-se esperar considerações sobre a teoria das

revoluções científicas, proposta por Kuhn (2017); sobre as características principais do paradigma moderno; sobre a metodologia psicanalítica aplicada por Freud durante seus estudos e práticas da Psicanálise; sobre o lugar que a Psicanálise não ocupa e não mais tenta sustentar; bem como, sobre um possível lugar da Psicanálise, dentro da teoria das revoluções científicas. Ademais, todos os vocábulos essenciais para compreensão deste texto serão apresentados de forma gradativa nos próximos capítulos, para que, assim, o leitor forme uma base e construa sua ideia acerca do que lhe é apresentado e não fique desamparado diante de conceitos vistos pela primeira vez.

2 SOBRE AS REVOLUÇÕES CIENTÍFICAS E SUAS CARACTERÍSTICAS

O termo paradigma, essencial para produção deste artigo, é citado em duas das principais obras base do presente trabalho, **A Estrutura das Revoluções Científicas**, de Kuhn (2017) e **O Primado da Afetividade: A crítica freudiana ao paradigma moderno**, de Plastino (2001). O termo popularizado por Thomas Kuhn, tomou uma dimensão maior do que o autor esperava. Vemos isso em seu trabalho **Second Thoughts on Paradigms**, onde ele reconhece a tamanha plasticidade do vocábulo (KUHN, 1974). Os diferentes valores atribuídos por Kuhn ao polêmico termo, podem ser vistos em Masterman (1970), onde ela demonstra vinte e uma diferentes formas de se interpretar a palavra paradigma; além de afirmar que o trabalho de Kuhn em **A Estrutura das Revoluções Científicas** é filosoficamente obscuro.

Tendo em conta as diversas interpretações possíveis da palavra paradigma, para dar seguimento a este trabalho, possibilitando a relação entre os pensamentos dos autores que serão apresentados a seguir, faz-se necessário esclarecer o valor que será atribuído neste artigo ao vocábulo paradigma.

Um paradigma é o princípio que orienta e baliza a forma de explorar o universo em suas mais diversas instâncias. Ele serve como limitador e como guia, podendo aparecer de forma mais restrita (apenas como uma metodologia para estudar algum fenômeno) ou mais ampla (como princípio orientador do pensamento do ser humano). É um termo com uma enorme plasticidade, mas que no geral, representa um padrão

ou norma a ser seguida, bem como uma forma de pensar sobre as coisas (KUHN, 1974; KUHN, 2017; MASTERMAN, 1970; PLASTINO, 2001).

Um dos livros que estruturam este artigo talvez seja o trabalho mais discutido de Thomas Kuhn, **A Estrutura das Revoluções Científicas** (E.R.C.). Nesse ensaio histórico e filosófico, Kuhn (2017) trata de assuntos relativos à história do desenvolvimento das ciências. No decorrer de seu trabalho ele apresenta a visão de que práticas consideradas científicas podem, outrora não mais ter tais considerações; e, também, aquelas que não são consideradas como práticas científicas, podem vir a se tornar. Para justificar esse ponto de vista, o autor percorre diversos momentos históricos, nos quais mostra que novas formas de explorar o universo surgem de acordo com as necessidades dos pesquisadores, enquanto outras se tornam obsoletas por uma série de fatores.

Vemos na E.R.C. (KUHN, 2017), um ciclo de desenvolvimento das ciências, onde elas nascem, se desenvolvem até certo limite, depois vão se tornando obsoletas e finalmente dão lugar a outra. Uma ciência, antes de ser considerada como tal, passa por um momento **pré-paradigmático**, onde ainda não se tem um paradigma estabelecido para estudar o fenômeno ou os fenômenos aos quais ela se propõe. Nesse momento, diversas escolas estudam um fenômeno em comum através de metodologias diferentes e dinâmicas, com o objetivo de descobrir a forma que melhor possibilita estudar o que está em voga. Durante essa etapa são expostos os diversos métodos utilizados nas pesquisas, bem como seus resultados, até que a comunidade chegue a um consenso sobre qual é a melhor forma de estudar determinado fenômeno. Com o consenso estabelecido, o paradigma orientador das pesquisas de determinada área passa a valer como padrão e o campo de estudos, que antes se encontrava no estágio pré-paradigmático, passa a se encontrar no estágio **paradigmático**.

Com um paradigma estabelecido por uma comunidade científica, cria-se a noção de **ciência normal**. A chamada ciência normal é o nome atribuído por Kuhn (2017) aos empreendimentos que se encaixam dentro dos parâmetros da metodologia estruturada pelo paradigma vigente em sua época. Então, as práticas científicas normais são aquelas que se submetem às normas vigentes em seus tempos. Sendo assim, um trabalho de pesquisa feito dentro dos parâmetros aceitáveis pelo paradigma vigente em seu tempo é considerado um trabalho que se encaixa dentro da chamada

ciência normal. E as formas de estudar fenômenos que não se encaixam dentro do paradigma vigente em suas respectivas épocas, são chamadas de **práticas extraordinárias de pesquisa**, que, posteriormente, podem vir a derivar uma **ciência extraordinária** caso se estabeleça um novo paradigma para alguma delas. Tendo isso em vista, entende-se por ciência extraordinária uma forma de estudar um fenômeno que não está de acordo com a norma vigente de seu tempo, mas que tem um paradigma estabelecido, porém não aceito por grande parte da comunidade em que se insere.

Ao tomar noção dos valores atribuído aos termos **ciência normal** e **ciência extraordinária**, vê-se que o que determina o que está dentro ou fora da norma são as ideias que compõem um paradigma. Mas como nada é perfeito, um paradigma pode vir a não dar conta de servir como matriz disciplinar (*disciplinary matrix*⁴) para determinados trabalhos de pesquisa, ou seja, o paradigma pode apresentar limitações para estudar determinado aspecto do universo e esse aspecto é considerado como uma anomalia. Vemos na E.R.C. (KUHN, 2017), que diante da anomalia, ou então, do novo fenômeno até então não abarcado pelo paradigma vigente, cientistas passam a questionar as bases que fundamentam a pesquisa em seus respectivos campos de estudo, provocando uma crise. A resposta a essa crise pode aparecer de três formas, são elas: 1) a ciência normal pode se revelar capaz de lidar com o problema que servia de gatilho para a crise; 2) o problema pode ser posto de lado e deixado para gerações futuras solucionarem, partindo da suposição de que elas terão instrumentos mais elaborados para resolver a anomalia; 3) a crise pode terminar com um novo candidato a paradigma que, por consequência, entrará numa batalha por sua aceitação⁵.

Uma coisa é certa, para haver uma crise é necessário que haja uma anomalia; mas nem sempre uma anomalia gera uma crise. Vemos em Kuhn (2017) que com uma alta frequência os cientistas acabam por deixar o problema de lado, principalmente quando existe uma grande quantidade de problemas em outros setores de seus campos de estudo. Para ocorrer uma crise, é preciso haver insatisfação do pesquisador. A exemplo disso temos o caso de Copérnico, no qual podemos perceber

⁴ *Disciplinary matrix* ou, matriz disciplinar, foi um termo proposto por Kuhn para substituir o termo paradigma numa tentativa de resgatar seu valor inicial. Essa proposta foi apresentada em *Second Thoughts on Paradigms* (KUHN, 1977).

⁵ A crise pode desencadear práticas extraordinárias de pesquisa, bem como ciências extraordinárias, empreendimentos fundamentais para desencadear uma revolução científica.

sua insatisfação com o tempo gasto nas pesquisas dos astrônomos de sua época e com os resultados que delas derivavam:

[...] uma das fontes de crise com a qual se defrontou Copérnico foi simplesmente o espaço de tempo durante o qual os astrônomos lutaram sem sucesso para reduzir as discrepâncias residuais existentes no sistema de Ptolomeu (KUHN, 2017, p. 166).

Quando o que responde a crise paradigmática são pesquisas extraordinárias e por fim, ciências extraordinárias, têm-se o estopim para a chamada revolução científica. As revoluções científicas, para Kuhn (2017), são momentos não cumulativos no desenvolvimento das ciências. Isso se justifica devido ao fato de haver uma substituição total ou parcial de uma tradição paradigmática por outra, onde há entre elas certa incomensurabilidade ou, melhor dizendo, uma incompatibilidade em aspectos parciais ou totais entre as tradições. Essa substituição paradigmática é o que caracteriza a revolução: troca-se um paradigma por outro.

Vemos em Gattei (2008), a apresentação da E.R.C. como sendo a maior e mais renomada obra de Thomas Kuhn, na qual o termo incomensurabilidade é empregado para caracterizar um tipo de relação de ligamento entre duas tradições diferentes de ciência normal, antes e depois de uma revolução científica. Segundo Gattei (2008), a incomensurabilidade pode aparecer de três formas na E.R.C: metodológica, semântica e ontológica.

A incomensurabilidade metodológica é decorrente de práticas diferentes fundamentadas em paradigmas distintos. Tais práticas buscam trabalhar diferentes conjuntos de problemas, se valendo de diferentes metodologias na busca das soluções. Ou seja, para Gattei (2008), esse tipo de incomensurabilidade se dá por conta da metodologia de pesquisa utilizada por uma teoria ser incompatível com a outra, além do conjunto de problemas estudados pelas mesmas serem diferentes. Nesse caso, novas questões podem ser descobertas e outras mais antigas podem se tornar obsoletas e até mesmo abandonadas pelos pesquisadores.

Quanto à incomensurabilidade semântica, Gattei (2008) afirma que ela ocorre devido a trocas de valores atribuídos a termos que antes eram utilizados pela tradição anterior. Ocorre esse tipo de incomensurabilidade quando novos paradigmas se originam de antigos paradigmas e incorporam parte do antigo aparato conceitual e manipulativo empregado na tradição mais antiga, porém, atribuem valores antes não

atribuídos, portanto, diferentes dos anteriores. Por exemplo: na tradição mais antiga, o vocábulo X fazia referência a uma coisa, na tradição mais nova o mesmo vocábulo passa a fazer referência a outra.

No que tange a incomensurabilidade ontológica, Gattei (2008) explica que ela ocorre devido ao fato de cientistas passarem a enxergar o mesmo fenômeno de formas diferentes. Sendo assim, para haver esse tipo de incomensurabilidade é necessário que pesquisadores de duas tradições diferentes olhem para o mesmo fenômeno e percebam coisas distintas.

Agora que diversos conceitos básicos deste artigo foram apresentados, tais como: **revolução científica, ciência normal, ciência extraordinária, paradigma, incomensurabilidade, anomalia**, dentre outros; será feita uma introdução à noção de **paradigma científico moderno**, para que assim seja possível dar início às nossas discussões.

3 O PARADIGMA CIENTÍFICO MODERNO E SEUS PARÂMETROS

Santos (1988), afirma que o modelo global de racionalidade científica que preside a ciência moderna é decorrente da revolução científica que teve início no século XVI e foi se desenvolvendo nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais⁶. Os precursores desse modelo, que segundo o autor foram Copérnico, Galileu e Newton, fizeram uma transformação técnica e social na humanidade que nunca antes havia se visto e, hoje em dia⁷, somos protagonistas e produtos da nova ordem que teve início há séculos atrás.

Para Plastino (2001), o paradigma da modernidade tem como pressupostos básicos a separação entre corpo e psiquismo, o sujeito e o objeto, a natureza e cultura; sendo que esses pressupostos derivam da ideia dualista básica que constitui a matriz geradora da concepção racionalista do homem e da concepção maquínica da natureza⁸. Essas concepções, até então hegemônicas, acabaram por derivar a forma de pensar da sociedade moderna e determinaram o que era aceito ou não como forma

⁶ As **ciências naturais** são aquelas que tem por objeto a observação e o estudo da natureza e dos fenômenos naturais, tais como: biologia, botânica, zoologia, geologia etc. (HOUAISS, 2003).

⁷ Vale lembrar que o ano do manuscrito é o de 1988, final do século XX.

⁸ A ideia do mundo que funciona como uma máquina é tão poderosa que veio a se tornar a grande hipótese universal da época moderna (SANTOS, 1988).

válida para produzir conhecimentos⁹. Tanto para Plastino (2001) quanto para Santos (1988), o modelo da racionalidade científica moderna, nega o caráter racional das formas de produzir conhecimentos que não se pautam em suas regras metodológicas e seus pressupostos epistemológicos.

Segundo Plastino (2001), esse paradigma se encontra em crise justamente pelos seus pressupostos básicos serem incompatíveis com certas descobertas sobre nós mesmos e sobre nossas relações com a história e com a natureza. O autor ainda diz que à partir da afirmação de Freud sobre a existência de uma realidade psíquica com caráter genuinamente inconsciente, é produzida uma nova concepção antropológica, ontológica e epistemológica sobre o homem, o conhecimento e o ser; subvertendo as concepções centrais elaboradas pelo paradigma moderno. No entanto, a obra Freudiana foi elaborada inicialmente no interior desse paradigma (paradigma moderno), o que gerou impasses em suas primeiras teorias metapsicológicas (PLASTINO, 2001).

Santos (1988) defende que a crise paradigmática moderna começou com Einstein, quando foi formulada a mecânica quântica, sendo que ainda não sabe-se quando a crise irá acabar. Para ele, a crise é irreversível e nós já estamos vivendo em um período revolucionário; sendo que essa crise do paradigma moderno é decorrente de uma pluralidade de condições, tanto teóricas quanto sociológicas. Uma observação feita por ele é que o próprio avanço no conhecimento que o paradigma proporcionou, permitiu que as fragilidades de seus pilares fossem reveladas.¹⁰

Como a intenção deste artigo não é a de se aprofundar nos diversos motivos que desencadearam a crise do paradigma moderno, não serão aprofundadas as ideias apresentadas por Santos (1988) sobre os motivos da crise. Para o presente trabalho, já nos é suficiente o reconhecimento da existência dela, que aqui é constatada por Plastino (2001) e Santos (1988). Também, leva-se em conta a intenção deste capítulo, que é expor os parâmetros orientadores do paradigma moderno.

⁹Segundo Plastino, práticas sociais, bem como as sociedades em que nos inserimos, são produtos da história; sendo assim, de nós mesmos. Também é dito que para essas criações serem possíveis, há a necessidade de hegemonizar determinadas concepções sobre a realidade, o homem e o conhecimento.

¹⁰ A partir desse parágrafo é possível lembrar de Kuhn, pois quando Santos fala sobre os frágeis pilares fundantes do paradigma moderno possibilita-se uma interpretação de que o paradigma deixa de funcionar adequadamente na exploração de certos aspectos do universo, aspectos esses, até então não abarcados pelo paradigma, aspectos que provocam crises e denunciam fragilidades.
CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 1 , n. 2, p. 168-184, ago./dez. 2019 – ISSN 2674-9483

No próximo capítulo, o leitor encontrará algumas características da metodologia psicanalítica, onde será possível perceber que a forma que Freud se valia para estudar o **inconsciente**, não estava de acordo com a visão que se refere ao paradigma moderno apresentada anteriormente.

4 A METODOLOGIA PSICANALÍTICA E SUAS PECULIARIDADES

Alguns autores, como Figueiredo e Minerbo (2006), tratam sobre as terminologias **pesquisa em psicanálise** e **pesquisa com o método psicanalítico**. Nesse artigo, os dois apresentam a pesquisa em psicanálise como algo que pode ser feito por qualquer um, não havendo pré-requisitos, pois seria apenas uma pesquisa sobre a Psicanálise; no segundo caso, **pesquisa com o método psicanalítico**, eles entendem que existe a necessidade do pesquisador ser psicanalista. Podemos dizer que o ponto de vista apresentado pelos autores justifica-se com os argumentos citados nos parágrafos abaixo: nos quais se fala sobre pesquisa científica e esforço terapêutico como coisas inseparáveis uma da outra, logo, só pode existir pesquisa através do método psicanalítico se o pesquisador estiver empreendendo um esforço terapêutico, ou seja, em trabalho como analista.

Neste manuscrito, desenvolveremos a ideia de **pesquisa com o método psicanalítico**, pois nossa proposta é falar sobre a metodologia da psicanálise e, não, sobre metodologias para se estudar a psicanálise.

Para que o leitor entenda sobre o que é o método de pesquisa psicanalítico, faz-se necessário mostrar o que Sigmund Freud entendia por Psicanálise¹¹. Em 1923, em **Psicanálise e Teoria da Libido** (Dois verbetes para um dicionário de sexologia), Freud (2011) apresenta a Psicanálise como um método de tratamento de distúrbios neuróticos, baseado em procedimentos para investigação de processos psíquicos¹², assim como afirma que a Psicanálise tem em sua composição uma série de

¹¹ Todas as consultas aos textos de Freud foram feitas através da coleção “Obras completas” da editora Companhia das Letras. Optou-se por essas edições devido às traduções diretas do idioma alemão para o português. Isso foi feito com o intuito de minimizar uma possível perda de conteúdos de traduções que antes de serem feitas para português, passavam pelo francês, inglês ou espanhol.

¹² A prática psicanalítica de pesquisa é fundamentada nas investigações dos processos psíquicos dos pacientes, sendo assim, é correto dizer que a pesquisa em psicanálise só existe quando o paciente se submete ao tratamento (o tratamento psicanalítico é descrito no parágrafo seguinte). A partir dos conhecimentos obtidos através dos relatos dos pacientes juntamente com as observações do analista, a teoria e a prática clínica se desenvolvem.

conhecimentos psicológicos adquiridos através dessa investigação, conhecimentos que gradualmente passam a constituir uma disciplina científica. No primeiro verbete **Psicanálise**, Freud (2011) demonstra que desde as raízes da teoria psicanalítica, ainda nos estudos com Breuer, final do século XIX, a pesquisa científica e o esforço terapêutico andavam de mãos dadas. Vemos também, em Mezan (2006, p. 227), baseado no verbete **Psicanálise** e no texto **A Questão da Análise Por Não Médicos**, que é sabido que “Freud considerava o trabalho com seus pacientes simultaneamente como tarefa terapêutica e como investigação científica”.

Entendendo-se que a prática clínica e a pesquisa acontecem de forma simultânea, falaremos agora sobre como isso se caracteriza, de fato. Com base no texto **O Método Psicanalítico de Freud** (FREUD, 2016), é possível expressar o método psicanalítico do qual Freud se valia da seguinte forma: uma pessoa expõe seus pensamentos e associações de forma livre, inclusive aqueles que o narrador considera como inúteis, vergonhosos ou penosos para se expressar — isso engloba também o relato de seus sonhos. Os relatos são feitos enquanto o paciente fica deitado de costas sobre algum lugar confortável e privado de estímulos que possam distrair a concentração de sua vida psíquica. Enquanto isso, o analista, fora do campo de visão do analisando, mantém-se atento ao discurso e suas entrelinhas, levando em conta que durante a fala do paciente, derivados de produtos psíquicos reprimidos podem aparecer. Os conteúdos, que são lembranças de experiências, ou melhor, percepções do sujeito de determinada experiência, podem ser reprimidos por uma força psíquica que torna o conteúdo inacessível à consciência. Essa força gera uma resistência ao paciente no que tange a lembrança da lembrança, e a justificativa para essa resistência é o desprazer que a lembrança causaria ao sujeito.

Ao atuar dessa forma, o analista leva em conta certos fenômenos psíquicos, tais como a resistência às lembranças, o recalque, os sintomas, os chistes, os atos falhos, a vida onírica do sujeito, bem como a transferência para com o analista pela parte do analisando e a transferência para com o analisando pela parte do analista. Esses fenômenos fazem parte do funcionamento psíquico do ser humano, Freud (2014) fala sobre tudo isso resumidamente (porém, de maneira muito didática), em **Conferências Introdutórias à Psicanálise 1916-1917**.

De acordo com Freud (2016), a forma de tratamento descrita acima, objetiva a eliminação dos sintomas neuróticos apresentados pelo paciente, para que, assim,

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 1 , n. 2, p. 168-184, ago./dez. 2019 – ISSN 2674-9483

haja uma recuperação prática dele, proporcionando o restabelecimento de sua capacidade de realização e fruição perante a vida. Isso se deve ao fato de que durante o processo de análise, conteúdos psíquicos reprimidos e impossibilitados de ascender à luz da consciência, tornam-se conscientes; deixando-se assim de existir “lacunas de recordação”, cessando-se as amnésias e possibilitando que o afeto estrangulado que deriva o sintoma seja descarregado, caracterizando o processo de ab-reação.

Em Freud (2016), vemos que apesar do método psicanalítico ser derivado do método catártico, ele consegue abranger um público infinitamente maior que o anterior, pois não há necessidade de que o doente seja hipnotizado; levando em conta que nem todas as pessoas são hipnotizáveis. Ainda assim, a psicanálise tem seu público alvo, ou melhor, o público ao qual seu método melhor se adequa e atinge seus objetivos. Segundo Freud (2016), as pessoas que compõem esse público, seriam aquelas com um estado psíquico normal, pois em períodos de confusão ou depressão melancólica nada se consegue, ainda que sejam casos de histeria; além disso, requer-se dessas pessoas um certo nível de inteligência natural, bem como um desenvolvimento ético, pois em casos de acentuadas deformações de caráter e traços de constituição realmente degenerados, as resistências dificilmente são superadas. Outro fator que impediria uma pessoa de ter um desenvolvimento psicoterapêutico produtivo dentro da psicanálise, seria o de ter uma idade próxima dos cinquenta anos, pois seria impossível dominar a massa de material psíquico; isso deve-se ao fato de que, a capacidade para desfazer os processos psíquicos começaria a fraquejar, além do tempo de recuperação tornar-se muito longo (FREUD, 2016).

Sobre o fator da idade avançada, é válido dizer que o texto foi escrito em 1904, e tratando-se de longevidade de expectativa de vida, as coisas mudam. Pode ser visto em Our World in Data (2019), que a expectativa de vida de um europeu no ano de 2015 era de aproximadamente 80 anos de idade, enquanto em 1900 era de aproximadamente 40. Logo, entende-se que 50 anos de idade, em 1904, era uma idade avançada a tal ponto de superar em aproximadamente 10 anos a expectativa de vida média de um cidadão europeu. Isto posto, o fator idade pode ser visto como algo relativo à época em que foi apresentado, abrindo a possibilidade para não ser generalizado ao século 21. Para ser mais específico, a idade de 50 anos, em 1900, avançava cerca de 25% a média de vida da época; se formos passar para valores

atuais, ultrapassando por volta de 25% a média de vida de um cidadão europeu, com os dados de 2015 citados logo acima, chegaríamos a idade de 100 anos¹³.

Para Rodrigues (2014), Freud, desde o *Gymnasium* onde possivelmente foi introduzido à obra de Lindner¹⁴, passou a ser influenciado pela escola de raízes empiristas¹⁵. Dentre alguns autores da tradição empirista que retornaram nos pensamentos de Freud, pode-se citar: Aristóteles, John Locke, John Stuart Mill e Franz Brentano. Além disso, ainda para Rodrigues (2014), toda a base de sustentação de Freud encontra-se na filosofia empírico-associacionista¹⁶, isso se reflete tanto no vocabulário, quanto na descrição do aparelho psíquico, na concepção de desejo e de fantasia e, também, de que tudo é oriundo da experiência (seja pessoal ou da espécie). Levando isso em conta, o autor supracitado afirma que a filosofia foi um dos pilares que sustentaram Freud em sua criação do modelo de mente psicanalítico.

5 ANTAGONISMOS PARADIGMÁTICOS, A OBSOLESCÊNCIA DO PARADIGMA MODERNO DIANTE DE NOVAS VISÕES SOBRE O HOMEM E O UNIVERSO

Até aqui, vimos que o paradigma moderno apresenta uma visão racionalista e mecanicista, o que posteriormente derivou as ideias dualistas de separação entre sujeito/objeto, natureza/cultura e corpo/psiquismo. Também vimos que esse paradigma se encontra em crise justamente por ter suas bases questionadas – ousamos dizer até ultrapassadas – por Einstein no domínio da astrofísica ao relativizar

¹³ A estimativa estatística não tem nenhuma pretensão de impor uma idade limite para os que se submetem ao tratamento psicanalítico, muito menos questionar o que foi escrito. Sua intenção é única e exclusivamente fazer uma comparação entre duas épocas diferentes e situar o leitor no contexto em que a afirmação de Freud foi feita.

¹⁴ Gustav Adolf Lindner, autor do **Manual of Empirical Psychology as an Inductive Science - A Text-book for High Schools and Colleges**, afirma que a auto observação, apesar de ter certas limitações é a fonte mais importante para a investigação psicológica. É válido dizer que essa orientação que se baseia na experiência subjetiva recusa qualquer explicação metafísica (RODRIGUES, 2014).

¹⁵ O **empirismo** qualifica qualquer doutrina filosófica que admite que o conhecimento humano deduz tanto seus princípios quanto seus objetos ou conteúdos, da experiência. Em geral, oposto às diversas formas de racionalismo (RUSSEL; DRUZOI, 1993, p. 149)

¹⁶ O **associacionismo** é a doutrina sustentada principalmente pelos filósofos ingleses (Locke, Hume, Stuart Mill), segundo a qual as operações fundamentais do espírito decorrem de associações frequentemente repetidas durante a experiência. Chama-se de associação de ideias o fenômeno psíquico do arrebato espontâneo de uma representação por outras. Ao considerar a associação livre como um meio de acesso ao inconsciente, a psicanálise mostrou que esse fenômeno vale tanto para o psiquismo inconsciente quanto para as representações conscientes (RUSSEL; DRUZOI, 1993, p. 43)

as leis de Newton; por Bohr e Heisenberg ao constatarem que é impossível medir um objeto sem interferir no mesmo, como se vê em Santos (1989); e, por Freud, como se constata em Plastino (2001), quando o mesmo diz que o cerne da obra freudiana reside na afirmação da existência do inconsciente. Essa afirmação sustentada por Freud, segundo Plastino (2001), é incompatível com o reducionismo que faz do homem apenas produto de sua consciência racional. A postulação de Plastino é o bastante para demonstrar uma incompatibilidade da teoria psicanalítica proposta por Freud com a base racionalista do paradigma moderno.

Sobre a tentativa de hegemonizar a forma de apreender o universo e produzir conhecimento sobre o mesmo, característica do totalitarismo do paradigma moderno descrito anteriormente, há ainda uma ideia de Feyerabend, que consiste na crítica a condição que exige que as novas hipóteses estejam de acordo com teorias já aceitas, que não é o caso da psicanálise, como será visto no parágrafo seguinte de acordo com Prudente e Ribeiro (2005).

A condição de consistência, que exige que hipóteses novas estejam de acordo com teorias aceitas, é desarrazoada, pois preserva a teoria mais antiga e não a melhor. Hipóteses contradizendo teorias bem confirmadas proporcionam-nos evidência que não pode ser obtida de nenhuma outra maneira. A proliferação de teorias é benéfica para a ciência, ao passo que a uniformidade prejudica seu poder crítico. A uniformidade também ameaça o livre desenvolvimento do indivíduo (FEYERABEND, 2011, p. 49).

Para Prudente e Ribeiro (2005), a psicanálise propôs a invenção da escuta do inconsciente e, por conta disso, rompeu com a Medicina da época que propunha uma correspondência exata do corpo da doença com o corpo do homem doente. Leva-se em conta, ainda, a afirmação das duas autoras supracitadas que a psicanálise tem uma proposta de tempo diferente do cronológico, pois trabalha em uma dimensão de tempo em que o sujeito analisante se estrutura. Portanto, trabalha com um tempo singular, e a lógica ao qual ele se submete é a dimensão lógica da estrutura do sujeito em questão, o sujeito do inconsciente.

Vemos ainda em Prudente e Ribeiro (2005), que a psicanálise conquistou um novo continente para a ciência ao admitir a existência do inconsciente e, com isso, subverteu o cogito cartesiano. No entanto, a ciência dos tempos de Freud não deu conta disso; o que não impediu Freud de tentar tornar a psicanálise uma disciplina científica. Com isso, retornamos à afirmação de Feyerabend (2011), onde ele fala que:

a exigência de que novas hipóteses estejam de acordo com teorias já aceitas é desarrazoada, pois assim o que é preservado é a teoria mais antiga e, não necessariamente a melhor teoria. Sendo assim, a partir da afirmação de Prudente e Ribeiro (2005), é possível dizer que Freud apresentou algo novo que não estava de acordo com o que havia sido antes postulado, algo que o paradigma da época não soube lidar, justamente por ter uma visão de mundo onde o inconsciente da maneira como Freud havia descrito passava pela via do impossível.

6 UM POSSÍVEL LUGAR DA PSICANÁLISE DENTRO DA TEORIA DAS REVOLUÇÕES CIENTÍFICAS

O pressuposto da existência do inconsciente serve como base para sustentar as ideias das manifestações dos fenômenos psíquicos chamados de atos-falhos, chistes, sonhos e sintomas, demonstrados por Freud em sua obra e levados em consideração durante o processo de aplicação da psicanálise, tanto na prática clínica quanto na pesquisa (que acontecem de forma simultânea).

Dada essa afirmação, considera-se que a psicanálise rompe com a base racionalista do paradigma moderno, postulando um homem que é afetado por fenômenos inconscientes. Entende-se que há uma incomensurabilidade entre dois paradigmas, o psicanalítico e o moderno, contudo, pensa-se que ainda é necessário discorrer sobre o lugar do paradigma psicanalítico no cenário atual, de tantas mudanças em tão pouco tempo. Constatou-se aqui, que o paradigma psicanalítico não se submete as bases do paradigma moderno. Porém, ele se submete ao que? Resta a questão que pretendemos desenvolver e buscar a solução num futuro próximo.

Sobre o lugar da psicanálise dentro da teoria das revoluções científicas, de Thomas Kuhn, pensa-se que ela se encontra num estágio de ciência extraordinária, pois leva-se em conta que ela tem sua própria metodologia de estudos estabelecida para estudar o inconsciente; fenômeno esse, não reconhecido pelo paradigma moderno devido à visão racionalista básica. Além disso, encontra-se uma incomensurabilidade metodológica. No mais, não foi constatada uma incomensurabilidade ontológica. No caso da incomensurabilidade ontológica, far-se-ia necessário pontos de vistas antagônicos sobre o mesmo fenômeno, nesse caso, sobre o inconsciente, porém, um dos lados (o lado racional-mecanicista) não

reconhece a existência do mesmo, logo não é possível ter uma visão diferente. No que tange a incomensurabilidade semântica, aqui ela é vista como possível, mas não nos cabe afirmar nada sobre ela, pois para isso, seria necessário constatar a utilização de termos comuns entre os dois paradigmas, coisa que não foi feita nesse estudo.

Para mais, algumas questões vieram à tona, as quais pretende-se desenvolver em estudos posteriores, pois este se encontra em estágio inicial. Afinal: Quem deve se adaptar a quem? O fenômeno deve se adaptar ao método, ou o método deve se adaptar ao fenômeno? É possível estudar todos os fenômenos do universo, conhecidos e desconhecidos, através da mesma metodologia e presos em uma só visão de mundo orientadora?

REFERÊNCIAS

ASSOCIACIONISMO. *In*: DRUZOI, Gérard, ROUSSEL, André. **Dicionário de filosofia**. 1. ed. Campinas: Papyrus, 1993. p. 43.

CIÊNCIA. *In*: HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Melo. **Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. p. 464.

EMPIRISMO. *In*: DRUZOI, Gérard, ROUSSEL, André. **Dicionário de filosofia**. 1. ed. Campinas: Papyrus, 1993. p. 149.

FEYERABEND, Paul Karl. **Contra o método**. 2.ed. São Paulo: Unesp, 2011.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **Jornal de psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 mai. 2019.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905). 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13**: conferências introdutórias à psicanálise (1916 - 1917). 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 15**: psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GATTEI, Stefano. **Thomas Kuhn's "linguistic turn" and the legacy of logical empiricism**: incommensurability, rationality and the search for truth. 1.ed. Burlington: Ashgate Publishing Company, 2008.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. 13.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

KUHN, Thomas Samuel. Second Thoughts on Paradigms. *In*: KUHN, Thomas Samuel. **The Essential Tension**. Chicago: The University of Chicago Press Chicago and London, 1977. p. 293 - 319.

MASTERMAN, Margaret. The Nature of a Paradigm. *In*: LAKATOS, Imre; MUSGRAVE, Alan. **Criticism and the Growth of Knowledge**: proceedings of the international colloquium in the philosophy of science, London, 1965. Cambridge: Cambridge University Press, 1970. p. 59 - 89. doi:10.1017/CBO9781139171434.008

Our World in Data. Life expectancy globally and by world regions since 1770. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/grapher/life-expectancy-globally-since-1770?time=1770..2015>>. Acesso em: 22 mai. 2019.

MEZAN, Renato. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. **Jornal de psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 227-241, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 out. 2019.

PLASTINO, Carlos Alberto. **O Primado da Afetividade:** a crítica freudiana ao paradigma moderno. 1.ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

PRUDENTE, Regina Coeli Aguiar Castelo; RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. Psicanálise e ciência. **Psicologia ciência e profissão**, Brasília, v. 25, n. 1, p. 58-69, mar. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 out. 2019.

RODRIGUES, Antenor Salzer. **Interlocuções freudianas e a fundação da psicanálise.** 2014. 244 f. Tese (Pós-Doutorado em Saúde Coletiva)-Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, ago. 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141988000200007>.